

António Câmara

O FUTURO INVENTA-SE

A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS
CRIATIVOS E EMPREENDEDORES
E O PAPEL DA NOVA UNIVERSIDADE

O FUTURO INVENTA-SE

© 2009 António Câmara

© desta edição:

Editora Objectiva

Estrada da Outurela, 118

2794-084 Carnaxide

Tel.: 214 246 904/05

correio@objectiva.pt

www.objectiva.pt

Edição:

1.ª edição: Novembro 2009

Depósito legal: 300 419/09

ISBN: 978-989-672-013-1

Realização:

Revisão: Eda Lyra

Paginação: Segundo Capítulo

Design capa: Iara Zeferino / Atelier 004

Impressão e Acabamento:

Offsetmais, S. A.

Distribuição:

Sodilivros

Tel.: 213 815 600

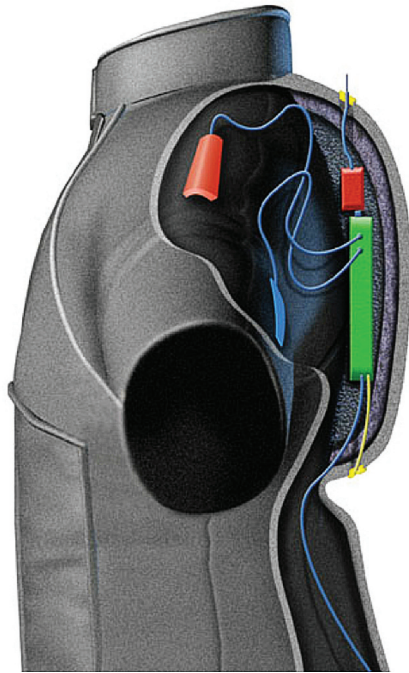
E-mail: geral@sodilivros.pt

Se desejar receber informações sobre a nossa actividade editorial, envie-nos um email para correio@objectiva.pt

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

A Editora Objectiva é a divisão literária do Grupo Santillana em Portugal. Alfaguara, Suma de Letras, Objectiva e Alfaguara Infantil & Juvenil são marcas registadas da Editora Objectiva.

A EXPERIÊNCIA UNIVERSITÁRIA



I-Garment, um fato inteligente para bombeiros. Projecto subsidiado pela Agência Espacial Europeia. O consórcio incluiu o Instituto de Telecomunicações, Miguel Rios Design e YDreams, demonstrando a relevância de consórcios entre a universidade e a indústria.



Antecedentes

Sento-me em frente do retrato do meu bisavô Manuel Sousa da Câmara quando tenho reuniões de júri no Instituto Superior de Agronomia (ISA). Foi o primeiro professor universitário da minha família. Manuel Câmara era botânico e republicano. Foi director do ISA e ministro da Agricultura.

O olhar dele, nesse retrato, permite desvendar uma imensa humanidade. Procurou sempre ajudar os seus estudantes. Um deles, o meu avô materno Eugénio Câmara, era monárquico e foi por ele protegido, na sua residência na Tapada da Ajuda, quando era perseguido na sequência de uma escaramuça com republicanos em

Monsanto. Eugénio Câmara, que vivia em São Miguel, ficou de tal modo agradecido que visitava sempre o meu bisavô nas suas viagens ao Continente. Foi numa dessas visitas que o meu pai conheceu a minha mãe.

O meu pai, também Manuel Câmara, foi arquitecto paisagista e também docente universitário no ISA. Mas não tinha certamente a visão idílica da Universidade do meu bisavô. Ensinava os estudantes no seu *atelier* que oferecia melhores condições do que o ISA e lhe permitia um ensino mais personalizado. Era crítico feroz do funcionamento burocrático da universidade portuguesa.

Manuel Câmara foi pioneiro dos métodos computacionais em arquitectura paisagista. Professores como Carl Steinitz de Harvard (que desenvolveu os primeiros sistemas de informação geográfica) reconheciam esse pioneirismo. Mas o meu pai nunca procurou a projecção que merecia a nível nacional e internacional. Faleceu antes de ver estudantes seus, como João Nunes, triunfarem em importantes concursos internacionais.

Beatriz Canto da Câmara, a minha mãe, era bisneta de Ernesto do Canto, um importante

intelectual açoriano. Vinha de um ambiente cultural singular. A sua mãe passava largas temporadas em Tóquio, já depois dos 80 anos. Ernesto Canto da Maia, seu tio, foi um escultor reconhecido internacionalmente. A sua casa de Paris era visitada por alguns dos principais artistas do século XX.

A maior influência na minha vida universitária veio do meu avô paterno que, como eu, se chamava António Câmara. Começou por ser professor no ISA mas depois estagiou nos melhores centros de investigação mundiais de genética de plantas: as universidades de Cambridge, Edimburgo e Missouri (nos EUA), e o Kaiser Wilhem Institute em Berlim.

Essa experiência internacional deu-lhe padrões de qualidade anglo-saxónicos e uma eficiência germânica. Era também extremamente crítico da universidade portuguesa, tendo proferido um discurso em 1949 em que dizia:

«A maioria dos professores universitários em Portugal limita-se, nas suas aulas, a reproduzir manuais escritos por autores estrangeiros muitas vezes já ultrapassados. Este facto lamentável resulta de nunca terem conduzido investigação original...»

Muitas pessoas sorriem quando escrevo que a paisagem económica de Portugal mudará com a economia do conhecimento. O meu avô já acreditava nessa mudança (e proclamava a sua possibilidade) há mais de sessenta anos.

Escolheu a Estação Agronómica Nacional como veículo para essa ambição. A Estação, que dirigiu, atingiu um nível científico apreciável nos anos 50. Mas essas contribuições científicas foram insuficientes para a mudança necessária na agricultura portuguesa.

Manuel Rocha era amigo do meu avô e foi um dos principais criadores do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC). O LNEC inspirou-se parcialmente na filosofia da Estação Agronómica. Atingiu rapidamente renome internacional contribuindo para a competitividade global das nossas empresas de engenharia civil.

Eu passava muitos fins de semana e parte das férias com o meu Avô António. Orientou as minhas leituras. Entre elas contavam-se revistas americanas, que sempre assinou, como a *Time*, *National Geographic* e *Scientific American*. Ensinou-me também a gerir o tempo. Estimulou-me a ser o melhor possível em todas

as actividades que abraçava, incluindo o desporto, que considerava ser essencial na minha formação.

Instituto Superior Técnico, 1971-77

O meu avô faleceu antes de eu entrar na universidade. Não pôde assim constatar que eu escolhi engenharia civil no Instituto Superior Técnico (IST), e rejeitei a engenharia agrónomica e o ISA em que três gerações de familiares haviam estudado e ensinado. A qualidade internacional da engenharia civil portuguesa foi um factor decisivo de atracção.

No ensino secundário estudei no Liceu Pedro Nunes, onde o ensino era excepcional. Professores como Jaime Leote, Norberto Cardigos dos Reis e Rómulo de Carvalho tinham elevadas capacidades intelectuais e pedagógicas. Havia também uma preocupação com o progresso dos estudantes para além do programa oficial. As actividades extracurriculares, na chamada «hora livre», das 16h às 17h, permitiam a iniciação à investigação científica, à música, ao teatro e ao desporto.

Foi na «hora livre» que comecei a jogar ténis com Eduardo Carona, que também ensinava no Estádio Nacional. Jogava também basquetebol com entusiasmo. O Eduardo convidou o meu colega Luís Cruz de Almeida e eu próprio para integrarmos o Centro de Iniciação de Ténis do Estádio. Tínhamos quinze anos. Três anos mais tarde, dominávamos as competições de juniores e representávamos o país na selecção da categoria.

Quando entrei no IST tinha assim duas «heranças»: uma excelente formação académica; e uma potencial carreira tenística de alta competição.

O ensino no IST era impessoal e baseado em testes e exames concentrados em alguns meses do ano. A maioria das aulas era profundamente desinteressante e a sua carga horária absurda. Verifiquei que a minha formação anterior e os meus métodos de estudo permitiam-me não ir à maioria das aulas e ter sucesso nos testes e exames. Essa era aliás a única alternativa para continuar a jogar ténis.

No segundo ano do Técnico, tive uma experiência que mudou a minha vida: estagiei em Barcelona com as melhores esperanças

espanholas. Entre elas, figurava José Higuerras que foi mais tarde número 7 no mundo. O treinador era Joaquim Moure, um amigo de Portugal. Ensinou-me os fundamentos do novo ténis, baseado em *top spin*, com a profundidade de um cientista. Deu-me também todos os documentos produzidos pela Federação de Espanha de Ténis para a preparação técnica, física e tática dos seus principais tenistas. Joaquim Moure falava diariamente com todos os jogadores sobre os valores que nos poderiam conduzir à excelência: dedicação, paixão, coragem, imaginação, respeito por nós próprios e pelos adversários, e responsabilidade.

Joaquim Moure conseguiu que eu fosse aceite nas qualificações de torneios da Association of Tennis Professionals (ATP). Foram experiências inolvidáveis para um representante de um ténis sem expressão internacional na altura.

Num torneio do Clube de Campo de Madrid, o meu cacifo ficou entre os de Artur Ashe e Rod Laver, verdadeiras lendas do ténis. Acompanhei também os primeiros passos do Guillermo Villas e Bjorn Borg. Conheci bem Lennart Bergelin, o treinador deste último.

Dizia profeticamente em 1974 que, num mundo global, todos têm de dominar vários ângulos simultaneamente. No caso de Borg, ele era o primeiro jogador a conjugar a competição, o treino e as responsabilidades de uma verdadeira «estrela de rock».

Esta minha experiência espanhola levou-me a ajudar o João Lagos na criação do Desportivo Alberto Coronel (DAC), que reunia as principais esperanças do ténis português em 1975. No DAC seguimos os documentos, que tinha trazido de Espanha, na nossa preparação. O Alberto Coronel fornecia-nos equipamentos *Lacoste* e raquetes *Wilson* e *Spalding*, criando condições inigualáveis para a época. Ganhámos todas as principais competições nacionais em 1975 e 1976.

No final de 1975 estava determinado a abandonar o IST e a dedicar-me ao ténis profissional. Mas quando me preparava para jogar o Circuito Satélite da Índia lesionei-me gravemente: esmaguei um dos ossos do pulso a levantar pesos. Não pude jogar durante um ano.

Regressei então ao Técnico para concluir o curso. Tive cadeiras de Investigação Operacional (de Luís Valadares Tavares) e Urbanismo

(de Manuel Costa Lobo) que me entusiasmaram. Nessas disciplinas tive ocasião, pela primeira vez no curso, de utilizar a imaginação.

Na maioria das outras cadeiras, sentia que tinha de resolver charadas ou simplesmente memorizar conceitos para ultrapassar as provas de avaliação. Como escola de formação, o IST estava muito distante da minha experiência no ténis, sobretudo no DAC e em Barcelona. Nestes locais, sentia que havia um esforço para que eu melhorasse e ganhasse autoconfiança. No Técnico, senti sempre que, salvo algumas exceções, estava a participar numa operação impessoal de «filtragem».

Christopher Caldwell descreve este modelo de ensino, orientado para uma preparação de exames mas ignorando a verdadeira formação, num recente artigo do *Financial Times* intitulado «The opposite of education» (Caldwell, 2009).

De facto, a minha «formação» deveu-se, ironicamente, ao meu absentismo às aulas. Pude ler, ir ao cinema e aprender lições de vida jogando ténis com o tempo livre que conquistei dessa forma.